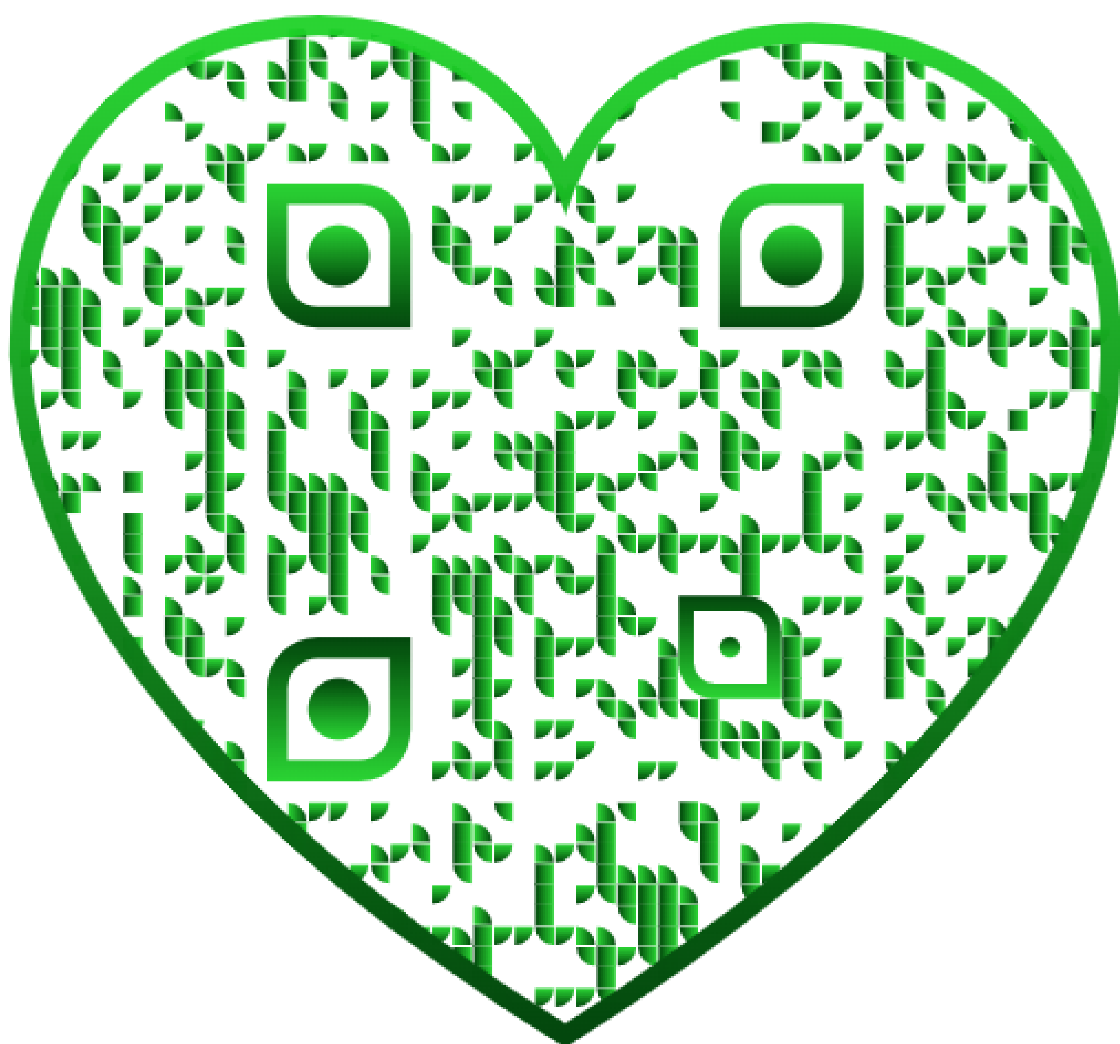


A Curta Vida De Lexie

ISSO NÃO SE FAZ

"Ela não sobreviveu, mas cumpriu a sua missão."

Eugênia Haensel



ISSO NÃO SE FAZ

Copyright © Eugênia Haensel

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Resumo
Na barriga da mamãe
O desespero da mamãe
Além da céu, além da terra

Resumo

Um conto fofinho, o legado curto de Lexie, por uma breve passagem pela vida.
"Ela não sobreviveu, mas garantiu o futuro da mamãe"

Eugênia Haensel

Na barriga da mamãe



Ainda na barriga da mamãe, eu mal ouvia a voz do papai, mas eu queria conhecer ele tanto quanto queria conhecer minha mãe.

Minha pressa de sair dali era tanta, que eu não conseguia ficar parada, só ouvia alguns gemidos da mamãe quando dava uns chutinhos.

Lá dentro, eu sentia um pouco de fome, mas imaginava que minha mãe estivesse fazendo algum tipo de jejum ou dieta, sei lá.

Mas a fome que eu sentia era tanta, que meus pulinhos eram involuntários.

Certa vez, eu ouvi a voz do meu pai, todos os meus órgãos já estavam formados, assim podia compreender um pouco o que acontecia lá fora.

Minha mãe ficava sempre sentada na beira do fogão a lenha, eu podia sentir o calor do fogo.

Meu pai chegou já chutando forte a porta, nesse instante eu tomei um susto tão grande que, meu corpo todo se desalinhou ali, dentro daquela bolsa com água, poxa, eu já estava quase cochilando.

Minha mamãe também se assustou, e levantou as pressas para receber o meu pai.

— Onde você estava até hoje velho??? Nossos filhos estão passando fome, não tenho nada a oferecer, somente água, e as vezes, Toninha traz algum resto de comida, só assim eles ainda não morreram de fome.

Dentro da barriga, eu ouvia uma respiração alta e ofegante muito próxima, será que ele estava bem?

— Ave Maria mulher, eu mal chego em casa e "você" já me metralha com reclamações, cale essa boca e vai dormir. Minha mãe não ficou feliz com essa resposta e continuou falando.

— Mas moço, como é que você me deixa sozinha com nossos três filhos pra morrer amingua aqui, você sabe que é impossível eu sair para trabalhar, e essa criança que está na barriga, o que será dela quando vier a esse mundo maldito, com você gastando todo o dinheiro em pinga, sem se importar com seus filhos.

Nessa hora, eu senti que escorria lágrimas dos olhos da minha mãe, e o nó que se formou na sua garganta me fez sentir desconfortável na barriga dela, eu queria sair logo dali para poder abraçar minha mãe.

De repente, ouvi um berro de meu pai, era ensurdecedor, mesmo

para mim, que estava ali, numa bolha.

— Você cala a sua boca, senão eu esfrego essa sua cara imunda na parede.

— Não Joabe, não faz isso, pensa nessa criança na minha barriga.

A voz da mamãe saia tremula e desesperada.

Nessa hora eu senti uma pressão que apertava a barriga da mamãe e a voz do papai bem pertinho, e alguns gritos de socorro, eram minhas irmãs que tinham acordado com o barulho.

— Eu não me importo com esse maldito monstrinho que você carrega na barriga, não mandei você arreganhar essas suas pernas.
Meu pai falava e fungava feito um animal no cio.

Eu ouvia mais duas vozes gritando.

— Para com isso pai, vai matar a mamãe. Que parecia ser alguém mais velha.

— Por favor senhor, protege nossa mamãe. Dizia assustada uma vozinha suave, que parecia de criança menor de cinco anos.

Mamãe não tinha força de gritar, talvez pela fome ou pela exaustão da gravidez.

Eu, ali na barriga, tentava pensar bem alto, para que minha irmã

grandona saísse para chamar uma pessoa lá de fora, para salvar a mamãe, mas tudo era em vão.

Papai começou a ficar mais violento e fora de si.

— Você não gosta de abrir suas pernas, velha imunda? Vamos, mostre a suas crias quem você é, abre essas pernas, eu vou te arrombar do jeito que você gosta.

Nessa hora minha mamãe consegue soltar um murmúrio baixinho.

— Vão pra cama depressa crianças, e tranca a porta, sua voz foi arrebatada com uma mão, pesada e mais forte do que ela podia aguentar.

Nessa hora, eu percebi que, não fazia diferença eu nascer, não poderia ajudar a minha mãe, e não teria um pai para chamar de meu.

— Ai, sua desgraçada, você mordeu meu dedo, maldita.
Meu pai gritou, desferindo um grande tapa no rosto da minha mãe.

Acho que ela caiu no chão, porque eu senti tudo se sacudindo lá dentro da bolha, e a água que tinha lá sacudia bastante.

Tive tanta pena da minha mãe que, lá de dentro mesmo, comecei a rezar. Eu não sabia como fazer isso, mas sempre ouvia minha mãe rezar. Minhas mãos pequenas se juntaram voluntariamente e eu comecei a pedir.

— Papai do céu, proteja a minha mamãe, tira esse monstro de perto

dela, para ela viver feliz e em paz, e por favor, me retira daqui, não deixe que eu nasça, não quero viver nada disso. Amém.

Nesse instante, ouvi um barulho tremendo da porta batendo e meu pai gritando alguma coisa lá de fora.

Eu não consegui mais me mexer, as forças da mamãe eram poucas e acabaram me afetando, nesse instante não ouvi mais nada.

O desespero da mamãe



Mamãe já tinha se cansado de buscar ajuda, já tinha ido se benzer, rezava sem parar, tinha ido a igreja. Porém, nada tinha resolvido, ela queria muito que papai parasse de beber e tomasse responsabilidade pela família.

No outro dia, quase de madrugada, acordo morrendo de preguiça e cansada, sentia o corpo da mamãe balançar e a barriga toda se mexia.

Mamãe estava chorando e soluçando, sentada à beira da cama, me entristecia severamente senti-la chorar, comecei a dar uns chutes para mamãe entender que eu a amava e queria vê- la bem, mas ela sentia um amor inexplicável por aquele velho abominável. Mamãe levantou- se, secou suas lágrimas e fora chamar a Larissa, minha irmã mais velha.

Tinha acabado de clarear, Larissa teve preguiça de levantar e mamãe disse.

— Filha, Vou a procura de algo para vocês comerem hoje, cuide da sua irmã, assim que conseguir eu volto para casa.

Mamãe saiu sem destino, sem saber para onde realmente iria, mas estava cansada de ficar parada em casa ouvindo suas filhas pedirem o que

comer.

Ela bateu na primeira porta que viu a sua frente, que se situava a mais de um quilômetro de casa.

Aquelas ruas de terras e buracos a deixara cansada e suada, com a barriga enorme, tinha seus movimentos comprometidos. Quando minha mamãe bate na porta, uma pessoa atende.

— Bom dia Dona Joana, meus filhos estão a três dias sem se alimentar, meu marido veio ontem em casa me bateu e não deixou nada para elas. Se a senhora tiver um banheiro para lavar, roupas para passar.

Minha mãe parou e tomou o fôlego, pois estava esgotada.

— Eu faço qualquer coisa, se a senhora me arrumar um prato de comida para minhas filhas.

Dona Joana respondeu tão grosseira que eu dei uma porrada, mas como estava no barrigão da mamãe, só senti a mão de mamãe acariciando a barriga.

— Mulher, você devia tomar vergonha na cara, e parar de arrumar filho, como a pessoa não tem onde cair morta, um marido que não presta, enche a casa de filhos e fica pedindo nas casas? Vá procurar vergonha. Dona Joana falando isso, bateu a porta na cara da mamãe.

O nó na garganta da mamãe me fez contorcer e ficar agoniada.

Mamãe saiu soluçando e chorando e sentou em uma pedra grande que tinha na beira da rua.

"— *Não chora mamãe, quando eu nascer eu vou ficar rica e dar de tudo pra você.* "

Começamos a ouvir uns batuques, um som que vinha do outro lado do muro, eu senti a aflição da mamãe.

Ela levantou-se rapidamente e teve uma ideia, não sei se boa ou ruim, bateu em um enorme portão branco, com tigelas brancas nos pilares laterais.

Um moço todo vestido de branco, de turbante envolto na cabeça redonda, fazendo-a parecer mais redonda l, e um semblante aparentemente assustador, mas quando abriu a boca, soou suave e calma, muito sutil e receptivo convidou a mamãe para entrar.

Minha mãe ficou receosa, mas assentiu que era sua última alternativa e entrou.

Ao adentrar naquele recinto totalmente diferente da realidade comum da nossa vida, senti que os pelos da mamãe se arrepiaram, fiquei inquieta e com um pouco de medo. A senhora que recebeu a minha mamãe, era tão carismática e afetuosa que nosso medo passou imediatamente, já foi perguntando o nome da mamãe e a levando para dentro pelo braço.

— Dona Ge, posso te chamar de Ge né?

— Sim, claro. Minha mãe respondeu timidamente.

— Venha, vou preparar um café com biscoitos, você parece exausta. A senhora falou seguindo para um outro cômodo, não dava para identificar cozinha ou sala, já que em todo lugar tinha vasos grandes de plantas e vários instrumentos de percussão.

Mamãe a seguiu em silêncio.

— Dona Ge, quando é que nasce seu bebê? Aquela moça sentiu a aflição da mamãe e quis puxar conversa.

— Eu não sei senhora.... An...

Mamãe ainda não sabia o nome da mulher, com aquelas roupas longas e lenço envolto na cabeça.

— Natércia, mas pode me chamar de Naty, e não precisa me chamar de senhora, sou uma pessoa comum, tão comum quanto você, sente-se por favor. Mamãe continuou o que dizia.

— Então, eu não sei quando meu bebê vai nascer. Mamãe falava e inspirava aquele cheiro incrível de café que a muito tempo não sentia, sua barriga roncava e eu sentia um terremoto sacolejar todo o líquido onde eu vivia.

Dona Naty percebendo o desconforto da mamãe, serviu- lhe umas

bolachinhas amanteigadas que na nossa servia como uma refeição completa, para quem não se alimentava a muito tempo.

Mamãe pegava uma bolacha, mordia um pedaço e colocava o resto em um embornal que carregava para trazer algum alimento caso conseguisse. Dona Naty quis saber porque mamãe batera no portão, até insinuou se estava precisando de ajuda para ir ao hospital. Mamãe assentiu que não com a cabeça.

— Então, o que a trás aqui no meu humilde terreiro?

Mamãe começou a contar toda sua luta com papai, e cada revelação dona Naty ficava mais impressionada, mamãe deu uma pausa no momento de falar sobre o que buscava.

— Dona Naty, eu não aguento mais tanto sofrimento, ver minhas filhas passarem necessidade e mais uma criança, eu prometo para senhora que um dia eu pagarei todo seu trabalho em dobro, caso decida me ajudar.

— Calma dona Ge, vamos resolver isso juntas, não pense em dinheiro, podemos achar uma solução. Dona Naty falava abraçando a mamãe.

Dentro da barriga senti um afago tão gostoso, uma ternura, quis sair dali imediatamente, que empurrei com todas as forças, meus pezinhos.

Mamãe soltou um gemido tão forte que dona Naty ficou muito preocupada e a colocou sentada.

Eu continuei empurrando muito...

Queria muito abraçar a senhora que tinha feito um bem danado para mamãe.

Além da céu, além da terra



Minha mãe começou a gritar dor e pedir socorro.

Dona Naty já experiente, sabia o que estava acontecendo, chamou seu marido que estava no terreiro adiantando alguns trabalhos.

— Lázaro, venha depressa, a mulher está "parindo", corre.

Lázaro, entrou pela porta dos fundos, todo trabalhado nas roupas, túnica, turbante, colares de madeira e várias pulseiras.

Olhando para minha mãe, já viu muita água escorrendo pelas suas pernas, já estava na hora.

— Naty, talvez não dê tempo de levá- la até o hospital, a hora chegou. Disse S.r. Lázaro preocupado.

— Sim Lá, (como Naty o chamava), então me ajude aqui, vamos colocar ela na cama e você traga água morna, toalhas secas, tesoura e álcool. Dona Naty falava com muita propriedade, parecia uma parteira profissional.

Levaram mamãe para cama, eu ali, presa naquela bolsa, sem nenhum

líquido, comecei a perder as forças, mesmo assim eu empurrava com persistência.

Senti que minha mãe já não tinha forças para gritar, só gemia, tão baixo que mal dava para ouvir.

Depois de muita luta, eu e a mamãe lutando pela sobrevivência, ouvi bem distante a voz da dona Naty.

— Vamos correndo para o hospital, ela não vai aguentar.

Essas foram as últimas palavras que ouvi antes de perder a consciência.

— Socorro, socorro. — Comecei a gritar sem parar, sentia muito frio e um clarão muito forte me atrapalhava, nunca tinha presenciado nada parecido.

Comecei a ouvir muitas vozes falando ao mesmo tempo.

— Talvez a bebê sobreviva, mas dê prioridade para a mãe que está inconsciente.

Mãe inconsciente??? Será que a mamãe estava bem?

Acho que matei a minha mãe, é tudo minha culpa, Eu não devia ter empurrado com tanta força.

Muitas mãos pegavam em meu corpinho minúsculo, me colocaram vários fios e muitos aparelhos.

Eu não sabia o que estava acontecendo.

Fiquei ali, imóvel, chorei até cansar, eu estava pedindo para me deixarem ver minha mãe, mas ninguém me entendia.

Depois de algum tempo ali, tudo muito quieto alguma coisa começou apitar sem parar.

Entraram várias pessoas.

Que incrível, se eu soubesse que só de apitar eles viriam, eu teria apitado, eu sei fazer isso.

—Chamem o médico depressa.

Alguém falou com voz desesperada.

— Vamos criança, reage; respira bebê.

__ Eu estou respirando moça, mas esses aparelhos que estão me atrapalhando, tira eles, por favor.

Eu falei várias vezes, mas aquela mulher não me entendia.

Ouvi uma voz suave e rouca perguntando.

— O que aconteceu aqui?

— Doutor, a mãe está bem e já consciente, a criança está instável, pouca expectativa de sobrevivência.

A moça que me espremia, falou e afastou.

Urfa, que bom, essa mulher estava me matando.

O doutor pediu alguma coisa para aplicar, deu algumas instruções e saiu.

De repente eu comecei a enxergar, vi aquele homem de branco saindo pela porta depressa e uma moça deveras carismática cuidando do meu corpinho pequeno.

Mas porque eu enxergava tudo?

Fiquei ali, pertinho, observando duas enfermeiras aplicarem injeções em um tubo que estava enfiado naquele pescoço pequenininho.

Percebi que eu podia observar tudo no hospital e tive uma grande ideia, vou ver minha mamãe.

Comecei a me movimentar pelo hospital que não era tão grande, não foi difícil encontrar minha mamãe.

Eu não conhecia seu rosto, mas sabia quem era ela, eu sentia.

Me aproximei e aquele médico de roupas brancas, estava do lado da mamãe, perguntou como ela estava.

— Eu estou muito bem doutor, posso ver o meu bebê?

Ela falava com muita emoção, dava para sentir sua ansiedade.

— Eu estou aqui mamãe, como não consegue me ver?

Falei mas ela parecia não me ouvir, resolvi dar-lhe um beijo no rosto, ela suspirou profundamente.

— Mãezinha, sua bebê está sob cuidados, mas você ainda não pode vê-la, assim que puder, eu prometo vir te avisar.

Antes do doutor terminar de falar, uma moça o chamou.

— Doutor David, posso falar com o senhor, é urgente?

O doutor saiu às pressas.

— Doutor, a bebezinha da moça não resistiu, e faleceu.

O médico saiu correndo até a sala onde estavam várias enfermeiras eufóricas.

Ele entrou já pedindo licença sem parar. Chegou próximo àquele corpo minúsculo, colocou os dedos no pescoço, encostou o ouvido no pequeno peito nu, tentou reanimar com dois dedos.

— Garotinha, você não pode fazer isso, prometi a sua mamãe que ela a veria.

— Sinto muito doutor, nós fizemos todo o possível.

Ele sacudiu a cabeça em negativa e terminou sua fala.

— Prepare os papéis e o corpo, temos que avisar para a mamãe.

O doutor saiu e eu o segui.

Ele entrou na sala onde estava a mamãe e dona Naty estava lá com ela.

—Quer que eu saia doutor? — Perguntou dona Naty, já esperando o que poderia ser.

— Não senhora, fique, ela vai precisar do seu apoio. — O doutor falou e sentou aos pés da cama da mamãe.

— Dona Ge, nós fizemos o seu parto às pressas, você e a bebê sofreu muito, damos prioridade a sua vida, já que a bebê já estava em risco.

— Minha filha morreu doutor? — Minha mãe falou com uma voz embargada. — Fala logo doutor.

— Calma Ge, o doutor está tentando explicar. Disse dona Naty tentando acalmar os ânimos da mamãe.

— Sinto muito mãezinha, fizemos de tudo que foi possível, sua bebê estava muito fraquinha e não resistiu. ─ O doutor falou com voz de pêsames.

— É tudo culpa minha, eu não me alimentava, eu andava muito atrás de comida para meus filhos, fiquei agarrada naquele "jumento" do meu marido, esperando que ele melhorasse e voltasse a ser o homem que conheci. É TUDO MINHA CULPA.

Nessa hora mamãe gritou, dona Naty a abraçou.

— Dona Ge, eu fui na sua casa e alimentei suas filhas, você precisa pensar somente nelas agora. — Dona Naty falava e afagava os cabelos opacos e arrepiados da mamãe. — Se você aceitar, vou te fazer uma proposta, quero muito que aceite.

Eu presenciei tudo aquilo, vendo minha mamãe soluçar de tanto chorar, eu não conseguia fazer nada. Com seus olhos inchados e sua garganta quase fechada, mamãe encarou dona Naty, esperando o que ela tinha a dizer.

— Quero que você vem morar na minha casa com suas filhas.

Minha mãe arregalou os olhos e não sabia o que dizer.

— Não. Não posso, já incomodei você demais, não posso pagar-te, sem contar que meu marido me acha e me faz passar vergonha.

Nesse momento eu consegui chegar bem próximo da mamãe e cumprir minha última tarefa.

— Mas calma, não será de graça, você trabalhará para mim.

E seu marido, nós damos um jeito se ele voltar, eu não posso ver você e aquelas crianças sofrendo e passando fome, sem fazer nada.

Dei um beijo no rosto da mamãe e falei baixinho no ouvido dela.

— Aceite, algo me diz que sua vida vai mudar e, essa moça tem um bom coração.

Ela pareceu me ouvir. Esfregou os olhos, passou as mãos nos fios de cabelos que estavam arrepiados e respondeu.

— Dona Naty, você é uma pessoa maravilhosa e tem um bom coração, não existe no mundo pessoas como você.

Enquanto minha mamãe falava eu vi uma luz muito forte na minha frente e percebi que ninguém mais via, aquele luz que aumentava a cada segundo, foi me sugando.

Senti que era hora de ir, minha mãe estava em boas mãos e eu estava numa tranquilidade tão grande e divina, que toda minha preocupação com a mamãe tinha se tornado uma nuvem branca, e finalmente me senti em paz.

Fim!